

De normal só a vitória da Mangueira

Arthur Poerner*

Nas circunstâncias de um país submetido a um regime que hesitava em assumir sua identidade ditatorial, o início do 1968 até que podia ser considerado normal. No Rio, como ocorre independentemente da conjuntura política, o ano só começaria depois do carnaval, em que a Mangueira saiu vencedora do desfile das escolas de samba do Grupo 1 - com Braguinha, o João de Barro, na comissão julgadora.

As passarelas dos desfiles mais importantes da época já emitiam, contudo, cada vez mais freqüentes e assustadoras, as ameaças da chamada linha-dura, mas eram ainda rosnadelas, não rugidos, mesmo porque o que restava de oposição mais combativa - o movimento estudantil - se ressentia, desde setembro de 1966, do desgaste do prolongamento da greve de um terço e da prisão de centenas de estudantes encurralados na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio.

Um mês depois daquele carnaval em que o amigo portelense Zé Kety, além de eleito Cidadão do Samba, ganhou o concurso de músicas criado pelo Museu da Imagem e do Som, foi justamente aqui no Rio que o samba nacional começou a atravessar. Em 28 de março, a PM, então sob o comando do Exército, invadiu, disparando, o restaurante "Calabouço", onde estudantes, sobretudo os mais pobres, viviam em assembléia permanente pela melhoria das condições de higiene e da qualidade da comida, vendida a 50 centavos o prato (para informar sobre os estudantes, qualquer agente do SNI em início de



Manifestação contra o fechamento do restaurante Calabouço. Rio, março de 1968

Aquele ano, inaugurado no plano internacional com a grande ofensiva do Tet da Frente de Libertação Nacional e do Vietnã do Norte, na guerra de que participavam 545 mil soldados americanos, não estava sendo especial e diferente só no Brasil. Na França, não por comida como no "Calabouço", mas por necessidades básicas não menos ponderáveis, os universitários de Nanterre se insurgiram, em março, contra as barreiras que separavam os dormitórios feminino e masculino do campus, originando o assim chamado "Maio de 68".

carreira recebia 400 cruzeiros novos por mês). Um dos jovens comensais, o paraense Édson Luís, de 18 anos, órfão de pai, baixinho, dentes estragados, que viera havia três meses de Belém para cursar Madureza e passava o dia no "Calabouço" em serviços de secretaria e limpeza, foi atingido no coração.

A indignação se generalizou no país quando o general Osvaldo Niemeyer Lisboa, superintendente da Polícia Executiva, tentou explicar os tiros: "A polícia

estava inferiorizada em potência de fogo", diante dos garfos e das facas da garotada faminta. O movimento estudantil, revigorado, reassumiu a resistência à ditadura - à época ainda preocupada com firulas democráticas - com a Passeata dos 100 Mil, e nos inundou de esperanças libertárias. Não só a mim, quintanista da Faculdade Nacional de Direito e redator / articulista do oposicionista Correio da Manhã, pois até o cético Millor Fernandes chegou a prever que,

se continuássemos naquele ritmo, acabaríamos “caindo numa democracia”.

Aquele ano, inaugurado no plano internacional com a grande ofensiva do Tet da Frente de Libertação Nacional e do Vietnã do Norte, na guerra de que participavam 545 mil soldados americanos, não estava sendo especial e diferente só no Brasil. Na França, não por comida como no “Calabouço”, mas por necessidades básicas não menos ponderáveis, os universitários de Nanterre se insurgiram, em março, contra as barreiras que separavam os dormitórios feminino e masculino do campus, originando o assim chamado “Maio de 68”. Uma revolta política, social e cultural que se estendeu aos operários e a outros países, obrigando o presidente De Gaulle a dissolver a Assembléia.

Como se vê, a rebelião da juventude em 1968, que afetou países tão pouco semelhantes como o México e a Tchecoslováquia socialista, não era só política e ideológica, contra estruturas arcaicas de governo e administração ou pela concretização de direitos humanos àquelas alturas já consagrados em tantos dos documentos universais. Era, também, contra o reacionarismo e a carece que, mesmo em países do chamado primeiro mundo, como a França, ainda pretendiam ditar normas de relacionamento entre os sexos.

No Brasil, esse movimento democrático e progressista que arejava o mundo foi brutalmente interrompido pelo Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro. Enquanto Alberto Cury lia os drásticos dispositivos em

cadeia nacional, forças policiais-militares invadiam o Correio da Manhã. Na redação, no 3º andar, fomos avisados, eu e os editorialistas Franklin de Oliveira e Edmundo Muniz, de que deveríamos tentar sair pela janela, do velho prédio da Gomes Freire para um edifício vizinho da Lavradio. Quando entrei, graças a uma prancha improvisada, pela janela do apartamento de um casal desconhecido, não poderia imaginar que aquela noite de derrota ante a força das armas poderia ser vista, 40 anos depois, como prenúncio da vitória de uma boa parte das nossas idéias. ❶

* **ARTHUR POERNER** é jornalista e escritor, membro do Conselho Consultivo do CEMJ. Texto originalmente publicado no *Jornal do Brasil*, em 17 de maio de 2008.



Publicações sobre Maio de 1968 em estande de evento na França